

É qual é a coisa An Emocionalista?
é uma pessoa; é uma peça da ma-
chinal; é uma função; não é uma intel-

Antes o governo francamente despotico, ahi ha ao menos luz no scenario, clareza nas atitudes, ha o soffrimento material, que instiga; aqui tudo è sombra, tudo sophisma, e no equivoco da

Volto-se depois os olhos para a scena politica : esta tem de certo deveres austeros que o patriotismo impõe, porém, vai perdendo as glorias que seduzem, pois demuda-se em farça de titerees obedientes a fios occultos; a soberania nacional é uma burla de que se zomba nas secretarias do executivo, como os comediantes de Plauto zombam dos pupilos que figuravam diante do povo.

Os poderes proclamaram sua independência da grande metrópole, que os instituiu e legitimara, a soberania nacional, e hoje a centralização campeia victoriosa sobre os restos de um gigante, que foi o povo, amortilhado na constituição do império, que foi uma bandeira.

A eleição é uma abdicação, o povo brasileiro, como a população romana, roga a Octavio, que faça o sacrificio e roico de proseguir nas redes da go-

Reforma, clamo-se na imprensa, na tribuna, na praça e no pago imperial: reformas no amago das instituições; pois, enquanto durarmos nesses esforços em remodelar, se de leve a epiderme da parte antiquada do direito constituido, tudo certo malgrado, já que o vicio está na lha, no espirito e no meio do governo, sem continuo pulchão, e um amassamento insubstituível.

Não queremos a perpetuação d'uma
classe, aproveitadora de uma
classe, porque não ajudamos a uma
classe! Não queremos a liberdade na le-
ge e na prática, com espinhas, com ma-
tirar, podeis ajudar-nos? se não, não!
Não queremos a submissão popular com
dogma e fúncula, a verdade das armas,
base de uma democracia real, podeis
ajudar-nos? se não, não! Não que-
remos e restabelecimento das finanças,
a honestidade no thesouro, a honra fiscal,
e uma responsabilidade forte para tudo
isso, podeis ajudar-nos? se não, não!
Não queremos, por toda
parte, a livre e a livre e a livre e a
saúde, educação nacional, podeis ajudar-
nos? se não, não! Não queremos que o
parlamento assumia a attitude que lhe
campe, para dictar ao governo os de-
cretos da opinião, podeis ajudar-nos?

Si se verificar a incompatibilidade, alguma coisa superior à força de quem quer que seja, homem ou partido sairá à campo em defesa do paiz, esse temeroso acontecimento que elabora-se no seio do desconhecido e os reis transnam e trabalham para elle, os partidos corrompem-se e trabalham, a justiça é calçada e trabalha, o deficit cresce e trabalha, a providencia olha e trabalha, o povo não trabalha e trabalha ainda para elle, e de subito irrompe a tempestade forte, tremenda, irresistivel, como um pelouro das fauces de um canhão, abate o que deve cair, e proclama e que deve vencer.

Enchemo-nos de praser por vermos de volta ao seio de seus e nossos amigos o nosso prestigioso chefe e lhe dirigimos o mais cordial aperto de mão.

Consta-nos que por toda parte tem encontrado a Câmara os melhores desejos e a mais apreciável manifestação de caridade, o que é próprio dos sentimentos humanitários da população de nossa provincia.

Somos informados de que a sociedade de musica d'esta capital intitulada *Philharmonia Commercial* respondeu ao appello da Camara com o seguinte officio, o qual houra sobre modo seus consocios demonstrando seus sentimentos virtuosos:

Philarmônica Commercial do Des-
terro em 25 de Agosto de 1877.—
Illms. Srs.—O grito angustioso de
nossos irmãos do Ceará, que se es-
torcem nas garras da fome, a fiel
companheira da seca, flagello terri-
vel que assola aquella provincia, não

Antes que nos chegasse às mãos o ofício que VV. SS. se dignaram dirigir-nos em data de 22 do corrente, apellamos para os nossos sentimentos de humanidade, pedindo-nos que concorressemos com o nosso obulo para as vítimas da seca, já haviamos realizado com nossos companheiros de associação uma subscrição com esse fim. Entretanto, agradece-mos muito à VV. SS. o terem-nos contemplado no numero dos que não são indiferentes aos sofrimentos do proximo.

É lição dos livros sagrados — que a caridade foi a virtude que mais praticou e recommendou o mártir do Golgotha.

Aqui junto remettemos a VV. SS. a quantia de quarenta mil réis, producto da referida subscrição, affirmo que se sirvão dar-lhe o devido destino.—Deos Guarde a VV. SS.—
Hlms. Srs. Presidente e Vereadores da Camara Municipal da Capital.—
O Director, Anastacio Silveira de Souza Junior. — O Vice-Director, José Verissimo da Carvalho.—O Secretario, João L. de Saldanha Gondim.—O Theoureiro, Ernesto de Souza Bahia. — O Procurador, Francisco d'Assis Costa.

S. Ex. o Sr. Presidente da Província animado do mesmo impulso generoso da Câmara dirigiu-se a todas as câmaras municipais da província solicitando socorros para os povos de Ceará, e indicando que fosse remetido a Câmara da capital o produto arrecadado nos diferentes municípios.

Julgamo-nos desfavoráveis de encarcerar o marino destes actos de humanidade partidos da Presidencia e da Camara do Capital.

Conforme já noticiamos a sociedade maçônica *Neptunogræfic Catharæna* de há longos annos estabelecida nesta capital em conselhir o seu principal de sua festa annua que tem lugar a 24 de Junho, em conselhir para acudir de victimas da moca nas provincias do norte do Brasil.

- Salvo que por intermédio de seu Director foi entregue á Thesouraria de Fazenda a quantia de trezentos mil reis para ser remittida á provincia da Parahyba.

Este procedimento não pôde deixar de ser louvado, apesar de já estarmos habituados a registar iguais actos de virtude partidos de uma associação que tem assinalado sua existência entre nós pela constante pratica de acções meritorias.

Publicamos hoje em folhetim a poesia recitada na festa de caridade que em benefício das victimas da seca do Ceará teve lugar no Rio de Janeiro na noite de 8 de Junho.

Firma essa mimosa producção o nome de D. Adalina Amelia Lopes Vieira: é isto motivo para ser maior o seu merecimento litterario.

E já os filhos piedosos
construíram a liteira
em que transportam chorosos
a mãe velhinha e doente,
com os galhos da mangueira
que lhes sombreava o lar,
e enxugam-lhe o pranto ardente
com beijos de amor sem par.
Chegam por fim à cidade,
quasi a morrer de fadiga,
desespero, fome e sede;
e a cada porta em que param
ouvem suspiros e ais;
lágrimas em toda a idade,
dó, em cada face amiga....
mas ninguém ouve quem pede,
que ninguém tem mais que dar.

Vão assim de rua em rua,
vendo morrer os que amaram,
sem forças, mas sempre a andar!

E são nossos irmãos que pedem sequiosos
uma gota de orvalho a um céu de puro anil!.....

A virgem loura e meiga unio em forte laço
os filhos do Brasil aos filhos de além-mar;
« Ide, » lhes disse rindo; e vós n'um doce abraço
levais, ao pobre o pão, ao foragido o lar.

E' que vos trouxe aqui, á sua voz, senhores, a mesma nobre idéa, a mesma inspiração! Sois todos, todos paes, sublimes bemfeitores elles, são vossos só, não têm outra nação.

Vêde o que é fazer bem; entre canções e riso
espargir a ventura e recolher amores;
ao martyr que descre mostrar o paraíso,
casando a festa d'alma ao perfumar das flôres.

Já de ha muito descia a Caridade
os degrãos d'aureo throno, envolta a face
em purpura real;
levando crença e pão aos pobresinhos,
constellavam-lhe a fronte os vivos lumes
de corôa immortal.

De seus lábios de mel cada palavra
era bálsamo santo, era consolo
à dor a mais cruel.
Ensinava a sorrir ao malfadado,
e transformava em flor o pão da es-
tremura chamava-se Isabel.

Tem-lhe seguido o astro luminoso
o anjo da Saboia, e aqui repulsa
astro d'almo fulgor,
que illuminando as trévas do infortunio
teve da Providencia o mesmo nome
e o mesmo santo amor.

E vós, fadas do lar, anjos mimosos,
mães, esposas, irmãs, filhas queridas,
vozeis incessantes:
escondei sob as rosas da esperança
as chagas da miséria, aos infelizes
mostrae-vos sempre amantes.

Essas nuvens de gaze que vos cobrem
não escondem a luz da primavera
d'essas almas gentis;
sendaes em que envolveis do rosto o pejo,
mas que dão mais encanto á formosura
das formas senhoria.

Voeje sempre em torno aos infelizes
levando-lhes nas asas prateadas
amor, felicidade;
e finda a nossa festa, adormecidas,
descerão sobre vós bençãos celestes,
anjos de Caridade.

Por elles, pelos pobres Cearenses
vim eu, tímida e fraca, erguer um canto
d'eterna gratidão.
Ha de o céo, que vos vê, tornar em perola
toda a baga de pranto que enxugastes
ao povo, nosso irmão.

